

## “Um gay power à brasileira”: *Veja* e a representação dos homossexuais em meados de 1977

“A brazilian gay power”: *Veja* and the representation of homosexuals in mid 1977.

Leonardo da Silva Martinelli<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa analisar a representação das homossexualidades em uma reportagem da revista *Veja* de 1977 e nos possibilita refletir acerca dos significados desta publicação naquela conjuntura. O aporte teórico pauta-se nos estudos de gênero e suas interfaces com os estudos *queer*, a partir de suas inter-relações com a imprensa. Metodologicamente utiliza-se a análise de conteúdo para organizar e interpretar os elementos presentes nos recursos narrativos e imagéticos que compuseram a publicação.

**Palavras-chave:** Homossexualidades. Revista *Veja*. Ditadura civil-militar.

**Abstract:** This article to intend analyze the representation of homosexuality in a report in *Veja* magazine of 1977 and allows us to reflect on the meanings of this publication in that conjuncture. The theoretical contribution is based on gender studies and their interfaces with queer studies based on their interrelations with the press. Methodologically the analysis of content is used to organize and interpret the elements present in the narrative and imagery resources that made up the publication.

**Keywords:** Homosexuality. *Veja* Magazine. Civil-military dictatorship.

### Considerações iniciais

No cenário brasileiro da ditadura civil-militar houve um cerceamento dos direitos e liberdades das pessoas através de diferentes ações como censuras e repressões aos opositores políticos e culturais do regime. O recrudescimento no período de caráter conservador difundiu o idealismo da “moral e os bons costumes” como um dos pilares centrais a ser defendido e prezado. Este postulado era extensivo dos valores judaico-cristãos dominantes da sociedade, mas havia sujeitos que não faziam parte deste modelo ou reproduziam socialmente estes costumes. Alguns destes dissidentes eram os que se sentiam atraídos afetivo-sexualmente por outros de mesmo sexo/gênero. Pertencer a este grupo ou ser identificado como um integrante acarretava distintos entraves sociais, preconceitos, discriminações e exclusões.

---

<sup>1</sup> Graduado e Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Contato: leonardos.martinelli@gmail.com

Embora parte destes sujeitos pudesse ocultar sua sexualidade ou tentar enquadrar-se a heteronormatividade, outros(as) encontravam meios de sociabilizar em espaços específicos onde reuniam-se constituindo subculturas, termo utilizado por James Green (2000) para se referir as subculturas homossexuais em São Paulo e no Rio de Janeiro no século XX. Alguns periódicos alternativos mesmo com dificuldades circulavam nestes espaços reportando assuntos de interesse para este público. No entanto, apesar da abjeção a esta relação, marcadores sociais como *classe* e *instrução* eram variáveis que poderiam acarretar distintas relações e tratamentos.

A partir da segunda metade dos anos de 1970 alguns espaços em periódicos conhecidos começaram a direcionar-se e/ou reportar assuntos referentes aos homossexuais, termo que tem sua própria historicidade, difunde-se com menor e maior intensidade em determinados períodos, embora pensar identidades exige essa ressalva, uma vez que nem todos se enxergavam desde sempre através deste termo e há de se considerar sobreposições de identidades, mudança nas significações, além de haver terminologias distintas e simultâneas como formas de se identificar que se solidificam e consolidam através de relações de poder. O público leitor pode entrar em contato com reportagens que se direcionavam a falar sobre estas pessoas, no entanto, estas menções a elas diferem um pouco de períodos anteriores, questões que serão discutidas à frente, mas são estas publicações em outros periódicos que são enfatizadas pelos redatores e editores da revista *Veja*, em 1977.

O presente artigo visa analisar a representação das homossexualidades<sup>2</sup> na seção “Comportamento” da edição número 468, publicada em 24 de agosto de 1977. A reportagem que não teve autoria declarada<sup>3</sup> apresentou tal discussão em quatro laudas contendo também imagens e boxes. Tendo em vista que discutiu o tema de forma central, lança-se um olhar para analisar os elementos narrativos e imagéticos que nos parecem representativos para compreendê-la, utilizando metodologicamente a análise de conteúdo e o aporte teórico dos estudos de gênero e *queer*. Trata-se de uma análise que atenta a determinados elementos com a finalidade de demonstrar algumas possibilidades de leitura e interpretação da publicação a partir das representações.

### **Os dissidentes sexuais e a ditadura civil-militar**

---

<sup>2</sup> Compreendida como categoria ampla que englobava os diferentes sujeitos integrantes das homossexualidades, conforme Green e Quinalha (2015, p. 11); e, como aponta Trevisan (2000, p. 40), também estendida a diversas vivências homossexuais que podiam ou não acionar essa identificação.

<sup>3</sup> Há apenas menções a alguns repórteres na matéria identificados em razão de excertos publicados que teriam sido ditos de seus respectivos autores a estes. A reportagem analisada não teve autoria explicitada.

Carlos Fico, historiador cujos trabalhos são referência nos estudos da ditadura civil-militar pontuou uma diferença entre as formas de censura nesse período: a política e a moral. Para o autor (FICO, 2002, p. 258), a “censura política” era direcionada especialmente à imprensa e as questões morais e comportamentais estavam a cargo da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP); entretanto, caso temas referentes à moral fossem publicados na imprensa os censores também poderiam executar cortes.

Além desta censura sobre a imprensa e pela (DCDP) havia outras modalidades como a autocensura, tentativas de silenciamento, repressões e torturas manifestadas sobre adversários políticos e culturais, além dos não-seguidores da moralidade intensamente valorizada no período. Os homossexuais tiveram – e ainda têm – dificuldades de aceitação por grande parte das pessoas por questões oriundas da heteronormatividade institucionalizada responsável pela discriminação daqueles que não correspondem às expectativas sociais esperadas.

Renan H. Quinalha em sua tese de doutoramento analisou documentos produzidos pelos censores para atentar se houve uma política sexual com a finalidade de conter manifestações das sexualidades que afrontavam a moralidade burguesa, cristã, e os valores prezados, ciente de que a repressão aos homossexuais é historicamente comprovada; no entanto, ao longo da história os tratamentos oscilaram e variaram em razão de diversos fatores. No período da ditadura civil-militar transformações nos costumes oriunda dos ideais da contracultura se disseminaram no fim da década de 1960 e espalharam-se sobre diferentes territórios, concomitantemente a formação de movimentos homossexuais politizados.

Mesmo neste cenário plural de transformações, Quinalha identificou no Brasil um aparato específico que visava impedir tais mudanças. O fragmento a seguir esclarece melhor sua ideia:

se pode afirmar, com aparato em todas estas evidências empíricas encontradas em documentações produzidas pelos próprios órgãos repressivos, que houve uma política sexual oficializada e institucionalizada na ditadura para controlar manifestações tidas como “perversões” ou “desvios”, tais como o erotismo, a pornografia, as homossexualidades e as transgeneridades (QUINALHA, 2017, p. 314 – grifo do autor).

Isso nos possibilita recordar das contribuições de Michel Foucault (1988) ao salientar as estratégias de saber e poder produzidas por meio do discurso que criaram um *dispositivo da sexualidade* regulador, pois contrariando a ideia de uma *hipótese repressiva* que tenha impedido que se falasse sobre sexo e demais questões inerentes, o autor afirma, ao contrário, que esse dispositivo permitiu – e permite – que tais questões fossem proferidas, mas somente em determinados contextos e situações, e não em outros.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2014, p. 3) salienta que esse dispositivo trata-se de “um conjunto de práticas, normas, regras, saberes e instituições que, na modernidade, acabaram por fazer do sexo o umbigo do ser, por torná-lo o significante central de nossa identidade”. Neste sentido, a identidade sexual do sujeito é um elemento significativo acionado, primeiramente, para torná-lo visível perante os demais. Há sujeitos, contudo, que não fazem questão de identificar-se, especialmente em relação ao binarismo convencionalmente esperado, questões que são analisadas pelos estudos *queer*.

Nos anos 70 e mesmo anteriormente havia grupos dissidentes com desejos por pessoas de mesmo sexo/gênero que tinham seus próprios códigos de significação que sinalizavam entendimentos partilhados, embora não homogêneos, como as identificações “bicha”, “bofe”, “entendido”, “gay”, dentre outras. A partir da difusão destas compreensões a identificação pessoal ou pelo *outro* se situava em meio a estas construções podendo, inclusive, ser identificado em categorias amplas, subcategorias que se aproximavam pela identificação sexual, de gênero ou ter desejos homoeróticos, mas não se identificar com o universo homossexual<sup>4</sup> criado. Todavia, nem sempre se tratava de um processo consciente de identificação<sup>5</sup>, mas situado na complexa teia de possibilidades e transformações performativas.

Mas para compreender as menções a estas pessoas na imprensa durante a ditadura civil-militar é preciso destacar o aparato censor vigente que utilizava diferentes meios para impedir que determinados temas fossem publicados como telefonemas e bilhetinhos que davam o alerta, como destaca Paolo Marconi (1980). Estes podem ser inseridos na chamada “autocensura”, termo que suscita discussões, mas como nos diz Maria Aparecida de Aquino (1999, p. 222): “autocensura representa uma capitulação, uma vez que o papel censório é transferido do Estado para a direção do órgão de divulgação, que assume a função de comunicar a seus repórteres o que podem ou não escrever”. Possivelmente uma estratégia para negar ou esconder a censura vertical aplicada pelos representantes do Estado. No entanto, outra forma era a censura prévia em que censores instalavam-se nos periódicos para ler toda a

---

<sup>4</sup> Aqui se faz referência a elementos das subculturas homossexuais que ressignificaram palavras e expressões e integraram ao seu vocabulário sendo tais entendimentos partilhados por integrantes destes espaços de sociabilidade. Este “universo homossexual” falado não se trata de algo preexistente, mas de uma construção que lentamente criou este universo a partir de determinadas características e que está em constante transformação. É preciso lembrar que algumas pessoas com desejos homoeróticos não o integram, e mesmo em seu interior existem oscilações, não se tratando, portanto, de um ambiente coeso, mas sim plural. Ao mencionar esta expressão no texto sua compreensão se dá conforme o exposto.

<sup>5</sup> Aqui se está fazendo menção à ideia de Stuart Hall em que destaca que a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (2000, p. 38 – grifo do autor).

edição ou está podia ser encaminhada a estabelecimentos específicos e ser avaliada (MARCONI, 1980).

*Veja* foi criada<sup>6</sup> num período em que a censura à imprensa já estava em vigor. De acordo com Maria Fernanda Lopes Almeida (2009, p. 154), a revista deixou de ser censurada somente em 1976. Esta questão precisa ser analisada considerando a saída de Mino Carta, diretor de redação que estava à frente da mesma. No entanto, existem contrapontos nas memórias que destacam este episódio sob diferentes versões que justificam sua saída e estas teriam possíveis relações com o fim da censura na revista (ALMEIDA, p. 140-156).

Em 1977 *Veja* não estava mais sendo diretamente censurada. A reportagem de que se está tratando discutiu de forma central o destaque à temática homossexual em outros periódicos e precedeu o surgimento do movimento homossexual no Brasil<sup>7</sup>, que surgiu no ano seguinte, mas trouxe elementos daquela conjuntura que assinalavam transformações. Deve-se destacar que outras reportagens nesta revista mencionaram homossexuais e foram publicadas em anos anteriores, não somente como tema central, mas envolvidos a outras situações.<sup>8</sup> *Veja* não foi a única revista que noticiou aquelas transformações em 1977. A também semanal de informação *Isto É* quatro meses depois concedeu uma edição de capa direcionada ao tema com o título: “O poder homossexual”.<sup>9</sup> Neste período o presidente Ernesto Geisel estava à frente do governo brasileiro que foi marcado por movimentos sociais<sup>10</sup> que reivindicavam mudanças na sociedade e concomitantes a crise do “milagre econômico” e a política de distensão que iria conduzir o país a uma “abertura” “lenta, gradual e segura”.

### **O destaque em *Veja* sobre a visibilidade homossexual na imprensa**

Com o título: “Um gay power à brasileira”, os leitores e leitoras da semanal de informação puderam conhecer mais a respeito da visibilidade homossexual que estava sendo reportada na imprensa e entrar em contato com representações deste mesmo espectro. A seção

<sup>6</sup> A revista inicialmente chamou-se *Veja* acompanhada de *e leia* em letras menores que posteriormente cederam lugar ao nome que permaneceu vigente. Foi criada em 1968 e pertencia a Editora Abril fundada pelo empresário Victor Civita. Direcionava-se, especialmente, a leitores(as) de classe média urbana.

<sup>7</sup> Trata-se do “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual” de São Paulo criado em 1978 e de caráter politizado que passou a atuar na defesa dos direitos das pessoas homossexuais.

<sup>8</sup> Para saber mais ver: MARTINELLI, Leonardo da Silva. *Em tempos de Gay Power: representações da homossexualidade masculina na revista Veja (1968-1983)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2019.

<sup>9</sup> A revista *Isto É* foi criada em 1976 e passou a ser semanal no ano seguinte. Mino Carta foi um de seus criadores. A edição mencionada é do dia 28 de dezembro de 1977. Além da capa explícita, a matéria foi discutida em sete laudas e meia contendo diferentes imagens. Agradeço a Luiz Morando por informar e compartilhar esta reportagem.

<sup>10</sup> Dentre os quais: movimento estudantil, feminista, homossexual, operário, ambientalista, negro, pela anistia.

“Comportamento” da revista *Veja* era uma que divulgava temáticas mais modernas na época, sobre comportamentos, cultura, e se aproximava de outros espaços que reportavam conteúdos semelhantes como “Vida Moderna” e “Gente”. Outras seções também mencionavam os homossexuais, mas as suas características vinculavam estes sujeitos a diferentes situações e representações como as específicas sobre abordagem política, científica ou religiosa por exemplo.<sup>11</sup>

O entendimento de *representação* parte das contribuições de Roger Chartier (1991, p. 183) que aponta sua produção como coletiva no mundo social e ao mesmo tempo direcionada a este mesmo espaço, o que assinala sua estreita vinculação, e ainda, considera “estas representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”. Isso nos possibilita pensar nas representações coletivas como significantes no desenvolvimento das relações sociais que, por sua vez, por intermédio destas ações mediadas pelos sentidos atribuídos, constroem e reconstróem a realidade.

Sandra Jovchelovitch (2000) também contribui com a reflexão em torno deste conceito ao articulá-lo, em especial, a imprensa. A autora realiza uma distinção entre as “representações sociais na esfera pública” e as “representações sociais da esfera pública” para a compreensão e análise de seu objeto de estudo. Estas modalidades nos permitem associar as representações na esfera pública àquelas representações deste espaço e publicadas na imprensa sobre acontecimentos que viraram notícias sendo divulgados. A partir desta circularidade e imbricação é possível refletir se as reportagens difundem representações sociais visíveis ou latentes, ou ainda, se atuam no reforço ou em sua (re)criação.

É com o objetivo de compreender e analisar as representações sobre as homossexualidades nessa reportagem específica da revista *Veja* que é utilizada a análise de conteúdo. Como afirma Roque Moraes

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p. 9).

Os questionamentos que nortearam a reflexão foram: Que sujeitos integrantes das homossexualidades (e autodeclarados na matéria) tiveram voz explícita na reportagem? Se

---

<sup>11</sup> Trata-se de representações que possuem elementos específicos e estão atreladas ao teor das abordagens discutidas nas seções/espaços da revista como: “Brasil” e “Internacional” de viés político, ou ainda, “Ciência” ou “Religião”, cada qual divulgando diferentes componentes variáveis e relacionados ao próprio conteúdo noticiado em si.

outros falaram, quem são? Que expressões foram utilizadas para se referir aos homossexuais? De que forma as imagens presentes articulam-se a totalidade da reportagem?<sup>12</sup>

Antes de adentrar nestas questões deve-se pontuar que a discussão na reportagem tem como ênfase os periódicos alternativos e os espaços destinados a discussões sobre os homossexuais em outros impressos. Conforme a reportagem: “Pouco a pouco, segundo sua própria linguagem, eles vão afinal ‘se assumindo’ – e talvez em nenhum lugar essa nova postura seja tão evidente como em sua imprensa” (UM GAY, 1977, p. 66 – grifo do autor).

Os periódicos alternativos mencionados na reportagem e destinados aos consumidores homossexuais foram: *Gente Gay*, *Entender*, *Gay Press Magazine* e *Little Darling*, de Salvador. De acordo com James Green (2000, p. 421 – grifo do autor), em seu clássico, *Além do Carnaval*, destaca que em “dezembro de 1976, inspirando-se nos esforços de Celso Curi e alguns outros jornalistas, Anuar Farad, Agildo Guimarães, Hélio Fonseca, José Rodrigues, e outros antigos redatores e editores de *O Snob*<sup>13</sup> decidiram produzir sua nova publicação, *Gente Gay*”. No ano seguinte, em 1977, foi criado em São Paulo o jornal *Entender*, embora ambos tiveram duração curta. Algumas das razões para essa dificuldade em manter estes periódicos é destacada abaixo:

Essas primeiras tentativas de produzir jornais gays falharam por uma série de motivos. Faltavam aos editores as habilidades jornalísticas e administrativas necessárias para lidar com um empreendimento em grande escala. Eles não sabiam como distribuir amplamente seu produto. Com vendas limitadas e pequena reserva de capital, os editores não tinham recursos para melhorar a qualidade gráfica ou sustentar a publicação até que o número de leitores crescesse. Os colaboradores do jornal não eram jornalistas amadurecidos, mas novatos entusiastas sem um nome no mercado – a não ser entre os círculos de amigos – que pudesse aumentar o interesse do público (GREEN, 2000, p. 423-424).

O próprio contexto atuava como um entrave para o desenvolvimento destes periódicos na medida em que a censura e aversão às homossexualidades impedia que os homossexuais se sentissem confortáveis em assumir sua sexualidade publicamente, somada a ausência de um contexto promissor – sem sofrer possíveis represálias – que os motivasse a saber mais a respeito destas subculturas adquirindo periódicos; eram também fatores que dificultavam sua expansão no mercado. Além disso, dada à censura que podia acometer estes impressos sua circulação era informal, o que direcionava sua venda, público e busca de consumidores nos próprios espaços frequentados pelos homossexuais.

---

<sup>12</sup> Parte destes questionamentos foram utilizados na metodologia do autor utilizada na análise e escrita de sua dissertação, e foram elaborados a partir da leitura de Rocha (2016).

<sup>13</sup> Jornal elaborado no Rio de Janeiro de 1963 a 1969. Para saber mais ver Costa (2010).

No entanto, neste período começaram a surgir espaços em jornais conhecidos discutindo temas referentes aos homossexuais. Tais inovações poderiam direcionar-se aos homossexuais leitores(as) destes periódicos, ou quiçá, prospectar novos mercados consumidores em razão de que a visibilidade destes sujeitos se ampliava. Ainda, a publicação destes temas ao público leitor assíduo permitia o contato com esta conjuntura de transformações no emergente cenário brasileiro.

A reportagem informou ao público leitor sobre a “Coluna do Meio”, no jornal *Última Hora*, escrita pelo jornalista Celso Curi desde fevereiro de 1976, e, “Correio Elegante”, também assinada pelo autor. Curi tornou-se conhecido pela menção positivada sobre os homossexuais em detrimento de outros olhares generalistas que não escondiam o estigma direcionado a estes sujeitos. Dada à visibilidade e repercussão do jornal, o autor da coluna foi alvo de um processo judicial iniciado em outubro deste mesmo ano, acusado de violar a Lei da Imprensa por “ofender a moral e os bons costumes”, conforme noticiou o jornal alternativo *Lampião*<sup>14</sup>, em abril de 1978 (TREVISAN, 1978, p. 6). A reportagem de capa deste periódico apresentou tal polêmica discutida por um dos próprios integrantes do jornal, João Silvério Trevisan, que pontuou tal situação informando, inclusive, da demissão de Curi em novembro de 1977, pouco mais de dois meses após a publicação que está sendo analisada. Coincidentemente, esta mesma reportagem sobre Celso Curi envolveria o jornal *Lampião*, também, em um processo judicial (TREVISAN, 2000, p. 346).

A matéria na revista *Veja* toca também no processo que envolveu Curi como se pode verificar no fragmento a seguir:

A iniciativa o tornou uma espécie de sumo-sacerdote do gay power paulistano, mas lhe valeu também um processo, aberto contra ele pela Promotoria Pública do Estado sob a acusação de “unir seres anormais” através da seção Correio Elegante, para a qual eram endereçadas vinte cartas por dia (UM GAY, 1977, p. 66 – grifo do autor).

Mesmo relatando tal casualidade o jornalista teve destaque na reportagem como as expressões a seguir sinalizam: “prestigiada” “Coluna do Meio”, ou ainda, “considerada a precursora”. Há, também, uma imagem do jornalista que compõe a matéria. De acordo com um relato ao repórter Carlos Maranhão, da revista *Veja*, destacou: “Escrevo *para* e não *sobre* o homossexual” (UM GAY, 1977, p. 66 – grifo do autor). Nota-se, então, o público visado e os olhares que se voltavam a eles; o que não exclui o fato de que outros leitores e leitoras de quaisquer sexualidades, homossexuais não assumidos ou mesmo simpatizantes, apreciem tal

---

<sup>14</sup> Em abril de 1978 saiu a primeira edição de um jornal alternativo voltado ao público homossexual chamado *Lampião* em sua edição número 0; nas edições seguintes alterou o nome para *Lampião da Esquina* mantendo-se até 1981, quando encerrou suas atividades. Este, em especial, tornou-se o mais conhecido deste segmento de periódicos. Para saber mais sobre outros impressos destinados aos homossexuais ver Green (2000, p. 325).



publicação, ou seja, os temas publicados também podiam ser acessados pelos demais consumidores do jornal.

Outro destaque foi dado à Glorinha Pereira, proprietária de sauna e boate homossexual, ex-modelo e autora da coluna “Guei” do *Correio de Copacabana*, semanário que vendia 15 mil exemplares segundo nos informa a reportagem. A coluna “Tudo Entendido” da *Gazeta de Notícias* também passou a reportar tal temática, “há três meses”, segundo as informações relatadas na revista *Veja*, e era escrita por Fernando Moreno que também teve uma imagem sua compondo a reportagem (UM GAY, 1977, p. 66-67).

No conjunto observa-se a ênfase dada a estes novos espaços na imprensa que noticiavam questões sobre os homossexuais e que sinalizavam o crescimento de sua visibilidade no espaço social sintonizada aos locais e estabelecimentos específicos que eram criados para atender a esta clientela.

Esta questão foi pontuada numa fala atribuída ao escritor Aguinaldo Silva na revista *Veja* em que destacou: “Se as pessoas são afins, a tendência é que elas se reúnam, mas não em compartimentos. Os homossexuais, no entanto, estão conformados com isso, tanto que pedem mais lugares gay” (UM GAY, 1977, p. 70). O argumento do supracitado autor é compreensível, pois se homossexuais e demais sujeitos mantivessem um bom relacionamento não haveria necessidade de espaços específicos, mas, por outro lado, dadas às representações distintas a respeito das homossexualidades – inclusive ainda era mantido o estatuto de doença no Brasil na época da reportagem, 1977 –, as chances disso se concretizar seriam baixas tendo em vista os distintos olhares e estigmas sociais direcionados a estes sujeitos.

A reportagem chama atenção, também, para a ausência de um movimento militante dos homossexuais, semelhante aos vigentes em outros países. Todavia, não deixa de lembrar algumas tentativas: “Houve, é verdade, algumas tentativas bissextas. Mas fracassaram por completo – e lamenta-se até agora que o ‘congresso nacional’ previsto para julho de 1976 no gramado do Museu de Arte Moderna no Rio tenha se frustrado, com vinte carros da polícia e 70 PMs dispersando os 1 000 participantes” (UM GAY, 1977, p. 70 – grifo do autor). Nota-se que por mais que as opiniões em torno destes acontecimentos possam ser distintas, é clara a recusa em permitir que os homossexuais assumissem esta sexualidade e se organizassem, e o aparato estatal novamente foi acionado para reprimir e demonstrar a defesa de uma moralidade utópica, embora na prática as dissidências e vivências assinalassem a incongruência de sua apresentação como coesa.

### **Vozes e expressões mencionadas**

Além dos periódicos citados as vozes que aparecem na reportagem da revista *Veja* precisam ser consideradas, pois tratam-se de falas selecionadas e organizadas de acordo uma lógica pelos redatores e editores responsáveis por sua elaboração sintonizada aos interesses e objetivos dos dirigentes da revista. Considerando as distintas invisibilizações destes sujeitos (embora não os únicos) com desejos homoeróticos ao longo da história, serão analisadas as vozes reportadas na fonte para verificar quais sujeitos tiveram falas publicadas, se os(as) homossexuais falam de si ou se outras pessoas o fazem, obviamente circunscritas a própria elaboração da reportagem com a seleção de pessoas e falas adequadas a um discurso.

Os dados foram coletados em dois grupos: o primeiro com base na autodeclaração ou nomeação na reportagem que permitiu identificar as vozes dos(as) homossexuais; o segundo compõe as demais vozes que falaram sobre eles(as). No total da publicação constatou-se que quatro homossexuais tiveram voz explícita: três travestis e um usuário de serviços de prostituição homossexual; somada as vozes indiretas atribuídas totalizaram-se oito integrantes das homossexualidades. Dos que falaram sobre estes sujeitos e tiveram voz explícita destaca-se: o(s/as) redator(es/as) da reportagem na revista (não assinada); três autores de colunas em periódicos (Curi, Moreno e Glorinha); um vendedor de refresco não identificado; e o escritor Aguinaldo Silva. Ainda, o(s) autor(es) da reportagem mencionam de forma indireta ideias de uma correspondente internacional da revista, Judith Patarra, e o escritor C. A. Tripp.

Uma travesti foi identificada num fragmento citado de *Gente Gay* chamada Juju Faísca, apesar de nomeada com uma identificação masculina: “Entrevista do [sic] travesti Juju Faísca”. Este elemento revela a ambiguidade dos entendimentos que mencionavam as travestis pela identificação masculina, talvez a ênfase desta nomeação estivesse associada ao órgão sexual ou a ideia de um determinismo biológico dado ao nascer, independente de seu gênero. Além disso, há de se considerar a oferta de tratamentos e procedimentos para adequar o corpo a identidade performativa de gênero das pessoas. Neste sentido, conforme chama a atenção Elias F. Veras (2015), há uma diferença entre dois períodos temporais com relação a travestilidade: o “tempo das perucas” e o “tempo dos hormônios”, neste em especial, houve a possibilidade de modificações e transformações corporais; se antes travestir-se era uma eventualidade, nesse período passou a ser uma possibilidade de ressignificar o corpo mediante procedimentos alternativos que iam ao encontro dos desejos subjetivos e identificações deste público. Todavia, se de um lado havia sinais de progresso, de outro, novos obstáculos deveriam ser enfrentados, haja vista a mentalidade conservadora arraigada à população que dificultava – e ainda dificulta – a convivência social.

A reportagem na revista *Veja* destaca (com referência no gênero masculino) uma homossexual participante de um concurso, chamada de Maria Glorette. No entanto, as menções evidenciam uma discussão que teria tido com outra concorrente em razão de ter sido identificada fazendo *trottoir*: “Eu te vi ontem fazendo vida na rua Mem de Sá”. Ao que Glorette teria respondido: “E daí?”, balançando os ombros. Pelo que informa a matéria esta teria perdido o desfile e sido vaiada. As razões não foram explicitadas, mas sugeridas: Glorette era a única concorrente sem seios. Segundo um fragmento atribuído a ela, destacou: “Não posso usar hormônio, tenho um problema nervoso”. Outras questões também podem estar associadas a esta situação. Conforme a reportagem, Glorette foi identificada como “um [sic] travesti preto, de 1,82 metro de altura e 83 quilos”. Este conjunto de elementos nos faz pensar na discriminação de origem étnica aliada a possível ausência de características femininas esperadas para as concorrentes, o que a justificativa de Glorette para sua falta de seios parece indicar. Ao mesmo tempo, mediante a possibilidade de medicalização para transformações no corpo, possivelmente esperava-se vê-las nas candidatas. Entendimentos e expectativas que distinguiam os olhares direcionados aos sujeitos mesmo no interior das chamadas homossexualidades.

Dos que tiveram menção explícita e indireta falando sobre os homossexuais na reportagem destacaram-se oito vozes e algumas delas aparecem citadas em mais de uma participação o que amplia sua visibilidade. Estas vozes publicadas não são escolhas fortuitas, mas organizadas em torno de um dizer. A credibilidade pela argumentação e/ou posicionamentos e ideias destacados e publicados são extensivos da voz destes sujeitos, sua vinculação com o tema e valoração ou não pelo que é dito. Muitos podem opinar acerca de quaisquer temas, mas a diferença está na propriedade que determinadas falas reivindicam, ou seja, se o sujeito tem “autorização” ou não para arguir sobre o tema. Como afirma Marialva Barbosa.

O poder da palavra é o de quem detém essa palavra, ou seja, não só o discurso, mas também a formalização da maneira de falar. Por outro lado, detê-la significa criar um sistema de codificação, intencionalmente produzido, que possibilita a ordenação e a manutenção da própria ordem simbólica (BARBOSA, 2007, p. 153).

Os sentidos a partir das palavras e expressões usadas que Barbosa diz ser resultado de um sistema “intencionalmente produzido” revelaram o vocabulário acionado para referir-se aos homossexuais na reportagem. Foram coletadas estas nomeações/associações na totalidade da matéria, inclusive nos fragmentos de outros periódicos, pois foram selecionados para compor a publicação; uma exceção foi um *box* que apresentou várias terminologias do

universo homossexual que foi nomeado como “dialeto para entendidos”, este, em especial, será analisado separadamente.

Destacam-se os termos: “homossexuais”, “homossexual”, “homossexualismo” [sic]; “gay”; “gay power”; “anormais”; “seres híbridos”; “bicharada”; “travesti”, “travestis”; “flexões do verbo entender”, “entendidos”; “*midnight cowboys*”. Estas foram as palavras relacionadas aos sujeitos integrantes das homossexualidades. Inicialmente nota-se a ausência de menção às lésbicas; a visibilidade dada aos homossexuais masculinos foi maior, observada inclusive nas imagens, de que se falará adiante.

Destas menções algumas soam como pejorativas como a utilização de “anormais” ou “bicharada”. A primeira foi utilizada como citação referente ao motivo de acusação de Celso Curi, o que sinaliza um olhar negativo dos representantes das instituições legais para com os homossexuais, visto a palavra ter sido enfatizada como uma menção do órgão que moveu o processo. Algumas pessoas consideravam – e alguns ainda consideram – os homossexuais como anormais; organizações com “voz autorizada” como a de sujeitos ligados a área da saúde como a medicina, mantinham em seu código a homossexualidade como definição de uma patologia no Brasil, em 1977. Mudança que ocorreria somente em 1985, e que, em outros países como Estados Unidos, já havia sido revista pelos psiquiatras em 1973. Ou seja, esse discurso dominante que partia deste campo do saber, embora com dissidências em seu interior, tratava esta vivência/relação como algo doentio, o que nos ajuda a entender a própria utilização da palavra “homossexualismo” reportada, e atualmente rejeitada por trazer a mente tal associação estigmatizante.<sup>15</sup>

A segunda palavra mencionada aparece como algo espontâneo de um vendedor de refresco na região conhecida por “Bolsa de Valores”, na praia de Copacabana, defronte ao hotel Copacabana Palace. Segundo James Green (2000, p. 262), os homossexuais ocupavam essa área desde meados da década de 1950. A própria visibilidade do local sendo um dos pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro, somado ao fato de hospedar personalidades do país e do mundo pode ter motivado os homossexuais a frequentarem o espaço e, aos poucos, delimitar um território que era identificado por seus semelhantes e que foi carinhosamente “(re)batizado” por estes sujeitos. Ali tomavam banho de sol, mostravam o corpo, divertiam-se com amigos, faziam novas amizades e quiçá arranjavam alguns encontros. Sendo também um local frequentado por vendedores, a reportagem na revista *Veja* citou um deles que rimou para vender seu produto: “Alô, bicharada, vamos tomar limonada”. De acordo com a matéria,

---

<sup>15</sup> Para saber mais a respeito da despatologização da homossexualidade ver Rodrigues (2018).

mesmo com essas provocações os homossexuais sentiam-se mais seguros em estar naquele local do que em outros (UM GAY, 1977, p. 67).

Além destas expressões um *box* no fim da reportagem apresentou vinte e quatro verbetes do que foi chamado de “dialeto” para informar o público leitor acerca do universo homossexual da época. Do total de palavras e frases mencionadas foi possível dividi-las em quatro grupos para serem analisadas: expressões que se referem às pessoas; locais frequentados; palavras que sinalizam a visibilidade ou não da homossexualidade; e terminologias em referência às relações sexuais. Assim como as palavras usadas na matéria são resultados de escolhas feitas pelos autores(as), as deste espaço também se inserem nesse cenário, mas ganham dimensão ampliada ao serem destacadas e enfatizadas por meio dos recursos gráficos inseridos.

A possível teia de associações destas palavras também auxilia no entendimento das representações, pois da diversidade de palavras utilizadas pelos homossexuais nos espaços por eles frequentados, optou-se por publicizar estas. A seguir são analisadas estas expressões presentes na publicação (UM GAY, 1977, p. 70). O primeiro grupo, expressões que se referem às pessoas, foi o que obteve o maior percentual de verbetes: “Babalu” e “Bofe”, ambas apontadas com o mesmo significado: “Rapaz que se relaciona sexualmente com homossexual por dinheiro”, a primeira destacada como de uso no Rio de Janeiro, a segunda em São Paulo; “Boy”: “Garoto que mantém relações com homossexuais”; “Michê”: “Prostituto”; “Modelito”: “Garoto; boy”; - atenta-se que são estreitamente vinculadas a atividade sexual -; “Elo (SP)”: “Pronome (variação de ‘ele’ e ‘ela’) para designar travesti”; “Maricona” e “Tia”: “Homossexual de idade avançada – ou que aparenta ter”; “Pititinga (RJ)”: “Homossexual pobre”; “Senhor”: “Lésbica”; “Entendido”: “Homossexual”; “Lixo”: “Machão”.

O segundo grupo que evidenciou locais de encontro homossexual contou com três verbetes: “Clube”: “Boate ou bar frequentados por homossexuais: ponto de encontro gay”; “Vapores”: “Sauna para homossexuais”; “Fazer um cinema”: “Procurar bofes ou babalus no interior de cinemas do tipo Íris (RJ) ou República (SP)”. O terceiro grupo observado – palavras que sinalizam a visibilidade ou não dos homossexuais – apontou expressões que atualmente são bastante difundidas e de conhecimento de um público amplo – não raro, utilizadas até mesmo por sujeitos não-homossexuais – como: “Assumido”; “Assumir”; “Enrustido”; “Dar bandeira”.

O quarto grupo, terminologias em referência às relações sexuais, apresentou cinco verbetes e seus respectivos significados: “Viajar”: “Manter relações sexuais”; “Fazer uma

criança”: “Manter relações sexuais com um boy ou modelito”; “Fazer uma calçada”: “Fazer trottoir”; “Arrematar um modelito”: “Travar relações com um garoto”; “Mala”: “Órgão sexual masculino”.

No conjunto é possível verificar a ênfase dos verbetes às questões sexuais que, diretamente, chamam a atenção do público leitor para estes elementos sugerindo um entendimento e leitura desta sexualidade a partir deste destaque. Para além do interesse sexual dos homossexuais, outras palavras também eram usadas nas conversas grupais entre os membros, sem contar o fato da diversidade de interesses que não se resumia apenas as relações sexuais. Pensar desta maneira esconde outros desejos subjetivos dos sujeitos que nem sempre têm esse objetivo; a sociabilidade deve ser pensada muito além disso, pois também oportuniza momentos de descontração, lazer, conversas, que também são importantes para o convívio social. Todavia, este destaque dado na publicação apresenta os elementos sexuais de maneira exaltada e os reforça mediante a divulgação.

Publicizar este “dialeto” aponta o crescimento das homossexualidades e visibilidade que passam a ter na sociedade, o que corrobora a este fato o destaque às colunas e espaços em jornais da imprensa para estes temas e/ou sujeitos. Mesmo compondo um espaço à parte na reportagem, o *box* deve ser analisado separado, mas também articulado a publicação, tendo em vista que *ditos* e *não-ditos* auxiliam na compreensão das representações por meio de dizeres explícitos e/ou latentes.

### **As ilustrações e suas interfaces com a reportagem**

Juntamente aos títulos das reportagens que aparecem destacados e enfatizados para atrair os olhares do público leitor, as imagens se inserem neste mesmo intento haja vista sua capacidade de chamar a atenção antes mesmo da leitura da própria matéria em si. Seleccionadas de forma a sintonizar-se àquilo que está sendo dito, são elementos que permitem visualizar representações, reforçá-las, (re)criá-las e até reproduzi-las. Dada sua importância na construção e elaboração das reportagens torna-se relevante e necessário atentar ao que nos dizem, ou melhor, lançar-se ao intento de desvendar as entrelinhas de seus dizeres.

Este tipo de fonte foi introduzido como possibilidade historiográfica a partir da renovação dos paradigmas que, por muito tempo, limitou-se a valorizar somente documentos escritos oficiais. A ampliação de fontes marcada pelo “Movimento dos *Annales*” na primeira metade do século XX e, posteriormente, com a “Nova História”, a liberdade temática, teórica

e metodológica ampliou-se para o uso de diferentes fontes, inclusive o diálogo (e incorporação de temas, métodos) com outras áreas do saber.

Com relação às revistas, a introdução de imagens foi uma modificação atrativa, pois além do texto permitiu o contato com uma nova modalidade de reportagens que poderiam dispor destes elementos para incrementar a publicação. Tania Regina de Luca (2008, p. 121) chama de “tempos eufóricos” o período em que surgem estas revistas no Brasil, também chamadas de variedades ou ilustradas, podendo citar como exemplos: *O Malho* (1902-1954), *Kosmos* (1904-1906), *Fon Fon* (1907-1915), dentre outras.

No período posterior outra modalidade foi desenvolvida atribuindo um protagonismo maior as imagens. Tratava-se do fotojornalismo que teve como um de seus expoentes a revista *O Cruzeiro* (1928-1975). De acordo com Marlise Regina Meyrer:

O grande diferencial da fotorreportagem, portanto, é a ênfase na imagem fotográfica, que passou a ter o mesmo valor do texto verbal até então dominante. Em uma reportagem tradicional, o eixo central de organização das ideias expostas está apoiado no texto ao qual podem ser acrescentados elementos visuais como ilustrações, funcionando de forma complementar. A fotorreportagem quebra com esse padrão estético, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso (MEYRER, 2017, p. 25).

Estas modificações assinalam parte das transformações pelas quais passaram as revistas no decorrer do tempo. A revista *Veja*, criada em 1968, caracteriza-se como uma semanal de informação. Mesmo não sendo utilizada a fotorreportagem na construção/elaboração das matérias, as imagens se fazem presentes em algumas publicações o que nos permite analisá-las, separadamente e em conjunto na totalidade da matéria.

Na reportagem da revista *Veja* que tratou do tema das homossexualidades de forma explícita na seção “Comportamento”, conforme já exposto, cinco imagens foram publicadas; em duas delas aparecem jornalistas escritores de colunas, conforme já relatado: em uma aparece Celso Curi, na outra, Fernando Moreno. Contudo, serão atentadas as outras três imagens que mostram homossexuais em diferentes cenários e ajudam a problematizar e refletir sobre as representações.

A primeira ilustração (Figura 1) trazida na página inicial desta reportagem analisada foi de um concurso de travestis que o fragmento a seguir exhibe:

Figura 1 – Desfile de travestis no Rio de Janeiro.



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 468, 24 ago. 1977, p. 66.

Num primeiro momento atenta-se à travesti a direita, levemente elevada do chão no que parece ser a passarela onde ocorreu o desfile. Na sua frente em uma mesa adornada estão reunidas algumas pessoas, possivelmente o júri que avaliava as candidatas no evento; cinco pessoas aparecem: duas mulheres à esquerda, ou quiçá, alguma delas fosse travesti, não é possível identificar isto na imagem, e três homens na sequência. No entorno, várias pessoas estão presentes: algumas atentas à travesti, outras distraídas no momento em que a cena foi registrada.

A ausência de cores na imagem sinaliza um aspecto mais sombrio que acaba diminuindo a dimensão do evento por não destacar as candidatas que seriam melhores visualizadas pelos leitores e leitoras da revista, igualmente os sujeitos presentes e o local em si. O edifício ao fundo também não contribuiu com a harmonia do espaço e da imagem.

A travesti, candidata, aparece usando um vestido decotado: a parte superior deixa transparecer sua pele e torna evidente seus seios, salientes, e, inclusive, mamilo esquerdo à mostra; ainda compondo a parte superior estão presentes alguns detalhes que parecem ser flores postas em alguns espaços sugerindo um olhar que ora contribui para *revelar* algumas partes, ora *esconde*. Os cabelos negros longos e soltos sinalizam uma jovialidade que é reforçada pelas formas de seu corpo delgado, distanciando-se do estereótipo característico masculino. A parte inferior do vestido tem uma coloração apenas e não permite que os



membros inferiores da travesti sejam vistos, o que contribui também para gerar um suspense em torno de sua corporalidade.

Na década de 1970 tratamentos estéticos passaram a estar disponíveis e ampliaram-se gradativamente ofertando estas novas possibilidades àquelas pessoas que desejavam modificar seus corpos e readequá-lo a identidade de gênero em que se sentiam confortáveis. O uso de hormônios artificiais e também de próteses para os seios inaugurava novos tempos para as travestis, tais recursos estavam disponíveis a quaisquer pessoas o que assinala um viés mercadológico direcionado a um público que visava tais serviços e difunde e/ou se insere nesta crescente preocupação com a jovialidade e a beleza. O apreço por estes novos sujeitos, transformados, ficou claro pelos rostos de alguns presentes maravilhados com aquela performance das concorrentes, além do comentário da travesti já citada, Maria Glorette, que justificou a sua ausência de seios pela impossibilidade de usar hormônios. Percebe-se que esta valoração vendo a expressão de um gênero distinto aquele que era esperado socialmente era prezada. Há que se considerar, ainda, que todas estas possibilidades tinham também um custo, e nem todas as pessoas tinham condições de adquiri-los; além disso, o fato de estar disponível não significava que todas as travestis desejassem realizar estes procedimentos, casos que também precisam ser considerados.

Travestir-se era algo comum nos carnavais em que os sujeitos transgrediam as normas culturais e fronteiras simbólicas adentrando num espectro que era (é) designado como pertencente ao gênero oposto, tomado num binário<sup>16</sup>: masculino/feminino. A teoria da *performatividade de gênero* de Judith Butler (2017), originalmente publicada em 1989 nos ajuda a entender tal questão ao dizer que o gênero não é algo inato, um determinismo biológico e nem tampouco cultural, mas é mediante a união e repetição de determinadas práticas e atos discursivos significados que resultam na expressão performativa de gênero pelas pessoas.

James Green (2000) destaca que travestir-se no período de carnaval era algo recorrente mesmo quando haviam leis que condenavam as homossexualidades e, ainda, posteriormente, quando leis proibiam vestir roupas designadas do sexo oposto ou situações que poderiam configurar atentado ao pudor, eram alguns exemplos de artigos que podiam penalizar sujeitos desviantes da moralidade preconizada. Ainda de acordo com o autor, como extensão e parte

---

<sup>16</sup> Binário que, diga-se de passagem, existe num discurso que o investe sobre os sujeitos tentando materializar-se, mas que, de fato, não é contemplado na totalidade; é usado para organizar as relações sociais, presente na mentalidade dos sujeitos e, ainda, utilizado para discriminar os que avançam suas fronteiras; no entanto, seria mais conveniente pensar em modelos de masculinidades e feminilidades construídos para determinados sujeitos sociais, com suas especificidades interseccionais, que podem se aproximar de um modelo padrão, mas que evidenciam disparidades em meio a um discurso que pressupõe a universalidade.

dessas festividades carnavalescas surgiu na década de 1960 o Baile dos Enxutos, em que a imprensa, por meio de suas reportagens, “populariz[ou] o termo “enxuto”, fazendo deste, junto com a palavra ‘travesti’, sinônimos de homossexual masculino” (GREEN, 2000, p. 360 – grifo do autor). Eram eventos específicos caracterizados pelo desfile e apresentação de travestis; em parte, semelhante à ilustração mostrada na reportagem da revista *Veja*.

Outra imagem na reportagem enfatiza os homossexuais em São Paulo, como pode ser visto a seguir:

Figura 2 – Homossexuais na Avenida Ipiranga (SP).



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 468, 24 ago. 1977, p. 67.

A figura 2 ilustra rapazes numa roda de conversa na Avenida Ipiranga, em São Paulo, e sugere a busca por parceiros para relações sexuais. A menção à “modelitos” e “babalus”, conforme já destacado, aponta essa prospecção. Esta associação sinaliza elementos que compõem uma representação negativa que associava o estigma de usar o corpo para conseguir dinheiro, como se fosse algo não digno, e atrelar isso aos próprios perigos que a rua “oferecia”, onde a moral era abalada e as incertezas e perigos desse tipo de vida indicavam desventuras.

Esta questão se amplia pelo aparecimento de palavras num cartaz acima dos sujeitos em que se podem ler as palavras: “medo” e “morte”, em destaque. O enquadramento da imagem permitiu registrar tal momento e isso não parece ter sido uma escolha fortuita. Diferente da prostituição de travestis e meretrizes, a realizada por homens, fossem eles homossexuais ou não, embora partilhando representações semelhantes, poderia suscitar novos sentidos/significados.

Néstor Perlonguer (1987, p. 21) que realizou pesquisa no Brasil na década de 1980 analisando a prostituição viril em São Paulo destaca que os “michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma”. Isso quer dizer que muitos que atuam nestas atividades sexuais o fazem sem identificarem-se a si mesmos como homossexuais, embora mantenham essas relações.

Nos anos 1960 um entendimento binário sobre as relações homoeróticas girava em torno da expressão “bicha/bofe”, ou seja, o homossexual que expressava um gênero identificado como feminino, “bicha”, atraía-se pelos sujeitos que expressavam um gênero masculino, o “bofe”, código visível que apareceu nas páginas de *O Snob* (COSTA, 2010). No entanto, uma nova terminologia passa a aparecer neste jornal que é “entendido” e está ligada ao distanciamento de estereótipos femininos, embora tenha suscitado conflitos, conforme salienta Costa (2010, p. 59). Esta palavra definia sujeitos que não se sentiam atraídos afetivo-sexualmente pelo “oposto”, ou seja, num entendimento semelhante à ideia de complementaridade mulher/homem – “bicha/bofe” (PERLONGHER, 1987, p. 82). Carmem Dora Guimarães (2004) destaca que foi nos anos de 1970 que houve a emergência desta terminologia; Edward MacRae (2018, p. 125), por sua vez, salienta que esta identidade “entendido” deslocava a díade “ativo/passivo” enfatizada nestes papéis sexuais para centrar-se no sujeito e seria mais “igualitária”.

Ao mesmo tempo, é possível pensar que a expressão performativa de gênero destes sujeitos que não mais se centrava na díade exposta contribuía com um reforço ao gênero culturalmente esperado com performance *cisgênero* que, se por identificação ou adequação, criou um padrão que tinha menos chances de sofrer discriminações e/ou por sua aparente discrição ou intenção, “passar por” heterossexual socialmente. Elementos que nos ajudam a entender a complexidade das identidades e suas (re)construções e transformações ao longo do tempo.

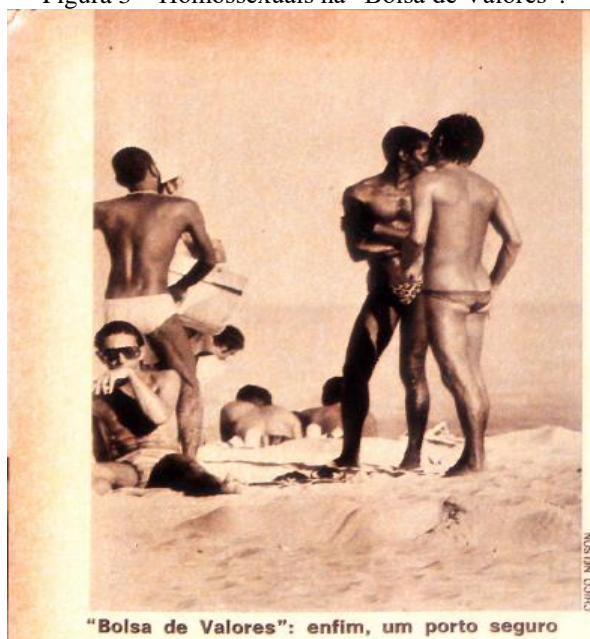
Estas significações nos ajudam a entender o que destaca Perlongher (1987, p. 83), pois os michês buscavam aparentar uma aparência mais máscula para conseguir parceiros que

visavam este perfil ao invés da travesti, além de perceberem nesta alternativa uma possibilidade de faturar mais. Todavia, estes papéis sociais, bem como seu entendimento podia não corresponder aos *papéis sexuais* durante a relação (FRY; MACRAE, 1985, p. 46) dada à pluralidade de vivências que nunca se limitou a um modelo fixo.

Como a imagem publicada nos permite ver, as atividades de prostituição eram elementos que integravam parte das *representações coletivas* sobre os homossexuais, e que, diga-se de passagem, eram mal vistas pela/na sociedade contribuindo para um olhar depreciativo acerca desta sexualidade. Conforme Peter Burke (2005, p. 38): “Las imágenes pueden dar testimonio de aquello que no se expresa con palabras”, e ainda, complementaria: daquilo que não é dito, mas mostrado, e como tal, parte da reportagem. É importante destacar que não há a necessidade de esconder estes aspectos, mas devem-se, também, visibilizar outros, pois como discutido a respeito das identidades e identificações, a pluralidade de vivências e maneiras de ser que atravessam diferentes marcadores sociais não podem se limitar a modelos estáticos e/ou generalizantes, há sempre dissidências que podem colocam em xeque quaisquer tentativas de categorização.

A última imagem retrata uma cena na região conhecida como “Bolsa de Valores”, conforme já falado, um espaço de sociabilidade homossexual em Copacabana, no Rio de Janeiro:

Figura 3 – Homossexuais na “Bolsa de Valores”.



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 468, 24 ago. 1977, p. 70.

A ilustração mostra homossexuais reunidos em frente ao mar nas areias de Copacabana. Sete homossexuais aparecem retratados dos quais dois deitados de bruços com as costas sob o sol e exibindo seus corpos; um dos que estava em pé aparenta estar mais atento ao que se passava ao seu redor, enquanto os demais ali, no mesmo espaço, descontraídos.

A legenda sinalizou um local de sossego para os homossexuais, embora não se possa falar em tranquilidade, uma vez que a discriminação era visível e expressa até mesmo nestes espaços. No transcorrer do tempo houve melhoras gradativas, sim, mas o cenário estava longe de ser o ideal, ou de possibilitar aos sujeitos homossexuais saírem livremente pelas ruas e espaços públicos sem ser alvo de estigmas, ataques ou prisões arbitrárias<sup>17</sup>, em especial, os que transitavam entre as fronteiras de gênero e abalavam o comportamento e moralidade socialmente esperada.

### **Considerações finais**

A partir do exposto percebe-se que esta reportagem apresentou o tema das homossexualidades de forma central enfatizando a visibilidade e espaço que passou a ter na imprensa. Os redatores/editores concederam voz na publicação para diferentes sujeitos e foi possível verificar quais personalidades ganharam destaque, inclusive observar as expressões veiculadas em referência a estas pessoas. Até então, sinalizava, de maneira geral, positivamente destes sujeitos.

Outros destaques que adentraram em determinadas características destas subculturas como o “dialeto” que compôs um *box* na reportagem reforçou a relação sexual como um elemento central no entendimento das homossexualidades. Além disso, as duas últimas imagens retratadas reforçam esta vinculação, conforme discutido. É provável que estes elementos por meio dos recursos gráficos chamaram mais a atenção do público leitor. E ao reforçar estes aspectos, não estavam criando uma nova representação, mas relacionando-a as representações sociais dominantes partilhadas que enfatizavam os aspectos sexuais de maneira exaltada ligando-os as atividades de prostituição e a vida noturna. Elementos que estão atrelados ao universo homossexual, e como frisado, trata-se de uma construção, pois nem todos sintonizam-se a ele desta forma, ou sentem-se integrantes destas identidades e significações criadas.

---

<sup>17</sup> Para saber mais a respeito dos tratamentos e entendimentos acerca das homossexualidades no período ver Cowan (2015), Fernandes (2015), Ocanha (2015) e Quinalha (2017).

A expressão “um gay power à brasileira” utilizada como título da matéria publicada em *Veja* fazia referência ao movimento homossexual nos Estados Unidos, criado em 1969. Esta associação se distingue daquilo que havia no Brasil, na época, uma vez que um movimento politizado era inexistente, embora outras formas de reivindicação em defesa das homossexualidades fossem expressas de diferentes formas pelas subculturas. Trata-se de questões distintas, mas que são necessárias para compreender este processo histórico que resultou na formação politizada dos grupos homossexuais. É possível atrelar esta menção da matéria à visibilidade que estavam tendo, ou seja, uma analogia para dizer que os homossexuais estavam tornando-se cada vez mais visíveis em sua “versão” brasileira.

As leituras e entendimentos que o público consumidor realizou são abertas a múltiplas formas de decodificação que variam em detrimento de diferentes fatores como: cultura, classe social, escolaridade, geração, dentre outros. Esta análise também se insere neste cenário, uma vez que se trata de uma leitura da reportagem a partir das questões problematizadas e teorizadas. Ficou evidente o destaque às travestis e aos homossexuais masculinos como parte de um segmento do grupo que parece ser mais numeroso; em contraponto, as lésbicas tiveram apenas uma menção o que denota a pouca visibilidade que tiveram na reportagem.

Dada à moralidade vigente, a aceitação destes homossexuais que buscavam viver sua sexualidade contrariava muitos dos ideais criados para justificar um modelo de família idealizado que compôs o discurso dominante, e que era amplamente defendido pelos governantes e boa parte da população, que herdou, interiorizou e reproduziu esses valores/entendimentos. Diante disso, havia dificuldades em compreender estes sujeitos, mas ao invés de criar condições que visassem a não discriminação, foram impostos obstáculos por muitos dos setores que deveriam fazer exatamente o oposto, como o Estado brasileiro, que não dava sinais de realizar.

Observar as reportagens da/na imprensa são fontes preciosas para observar como os acontecimentos do período foram reportados aos leitores e leitoras e, da totalidade de possibilidades, quais figuraram como notícia; além disso, analisar as formas de dizer que possuem significados e atuam no entendimento e desenvolvimento das relações sociais. Por isso, a imprensa aponta ser muito produtiva para pensar as relações históricas e, tratando-se das homossexualidades, auxilia na compreensão de sua historicidade.

A reportagem mesmo tratando de um tema polêmico pode chegar até o público leitor, embora o aparato repressivo e intimidador para com os dissidentes da moralidade preconizada e exaltada no período continuasse. É possível que este afrouxamento da censura estivesse ligado a distensão política e aos problemas enfrentados pelo governo na época, ou ainda, a

atenções distintas direcionadas aos periódicos. Com relação às representações das homossexualidades naquele cenário, pode-se dizer que foram sendo modificadas a partir da influência de elementos que contribuíam com novos olhares, muitos dos quais possivelmente sintonizados aos internacionais. Para compreendê-las, é necessário atentar, também, as notícias divulgadas na imprensa e analisar quais componentes são destacados e visibilizados aos leitores(as). Esta mediação vai além do informar e contribui na decodificação e imbricação entre as “representações sociais na esfera pública” e as “representações sociais da esfera pública” na imprensa, como salienta Sandra Jovchelovitch (2000).

**Fonte:**

UM GAY power à brasileira. *Veja*, São Paulo, n. 468, 24 ago. 1977, p. 66-68/70. Acervo da Biblioteca Central da PUCRS.

**Bibliografia:**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 1-20, 2014.

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968-1976*. São Paulo: Jaboticaba, 2009.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BURKE, Peter. *Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico*. Traducción de Teófilo de Lozoya. Barcelona: Crítica, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2015, p. 27-52.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2015, p. 125-148.

FICO, Carlos. Prezada censura: cartas ao regime militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, jul. - dez. 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações Sociais e Esfera Pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)*. São Paulo: Global Editora, 1980.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. *Em tempos de Gay Power: representações da homossexualidade masculina na revista Veja (1968-1983)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2019.



MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957)*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. *Educação*, Porto Alegre, a. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2015, p. 149-175.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. Tese (Doutorado em Ciências), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

ROCHA, Douglas Satirio da. *“Tensão continua no Oeste”*: história e representações da disputa de terra em Sede Trentin/Toldo Chimbanguê nas páginas de *O Estado* (1982-1985). Dissertação (Mestrado em História), Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2016.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A despatologização da homossexualidade no Brasil. In: CAETANO, Marcio et al. (Org.). *Quando ousamos existir: itinerário fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018)*. Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018, p. 48-53.

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri? *Lampião*, Rio de Janeiro: Lampião, n. 0, abr. 1978, p. 6-8. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso: 12 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Record, 2000.

VERAS, Elias Ferreira. *Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico*. Tese (Doutorado em História), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

\_\_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90-109, set./dez. 2014.